

ESTUDOS E REFLEXÕES
SOBRE DESENHO
E IMAGEM

PSTIAX

#3

PSIAX

Estudos e Reflexões
sobre Desenho e Imagem

RESPONSÁVEIS EDITORIAIS

Mário Bismarck (i2ADS / FBAUP)
Miguel Duarte (Lab2PT / UMINHO)
Vitor Silva (i2ADS / FBAUP)

2
PSIAX

EDIÇÃO

i2ADS - Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade
Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto
Lab2PT - Laboratório de Paisagens, Património e Território
Escola de Arquitectura da Universidade do Minho
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

DESIGN

Pedro Brochado (i2ADS / FBAUP)

DESENHO NA CAPA

Cerca, Rui Neto

ISSN

1647-8045

DEPÓSITO LEGAL

436581/18

TIRAGEM

500 exemplares

Esta publicação é financiada por Fundos Nacionais através da FCT/MCTES - Fundação para a Ciência e Tecnologia / Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, no âmbito do Projeto do Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade com a referência UID/EAT/4395/2016.

Este trabalho tem o apoio financeiro do Projeto Lab2PT - Laboratório de Paisagens, Património e Território - AUR/04509 com o apoio financeiro da FCT/MCTES através de fundos nacionais (PIDDAC) e o cofinanciamento do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER), refª POCI-01-0145-FEDER-007528, no âmbito do novo acordo de parceria PT2020 através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI).



5

Editorial

MIGUEL BANDEIRA DUARTE

7

O que os olhos desenham

HELDER GOMES

15

Limpando o vácuo

ANTÓNIO OLAIO

25

Frequentar o desenho

LUDMILA VARGAS ALMENDRA

33

**Carlos Lyster Franco
“120 anos a expor desenhos”**

LUÍS LYSER FRANCO

43

**“abs-ceno” versus “obsceno”:
as visibilidades do desenho**

MÁRIO BISMARCK

47

Cerca

RUI NETO

55

A tenda quer-se com quem a entenda...
**Processos de visibilidade do desenho na
representação de espaços pop-up**

FLÁVIA COSTA

PAULO LUÍS ALMEIDA

65

Fugas e Deambulações

JOANA PARADINHA

JOÃO CABELEIRA

MANUEL DOS REIS

MÓNICA FARIA

NATACHA ANTÃO

VÍTOR MARTINS

77

Lugares sem nome

CLÁUDIA AMANDI

87

**Desenhar na incerteza
Da invisibilidade do processo à
visibilidade do projeto
nas artes plásticas**

SÍLVIA SIMÕES

PAULO LUÍS ALMEIDA

J. JORGE MARQUES

95

O “livro em aberto” de Nuno Sousa.

Trans-aparecente e infra-ténue.

VÍTOR SILVA

109

OSTENTAÇÃO E OSMOSE

**As regiões invisíveis
do ensino do desenho**

PHILIP CABAU

3
PSIAX

Fugas e Deambulações

JOANA PARADINHA

JOÃO CABELEIRA

MANUEL DOS REIS

MÓNICA FARIA

NATACHA ANTÃO

VÍTOR MARTINS

65
PSIAX

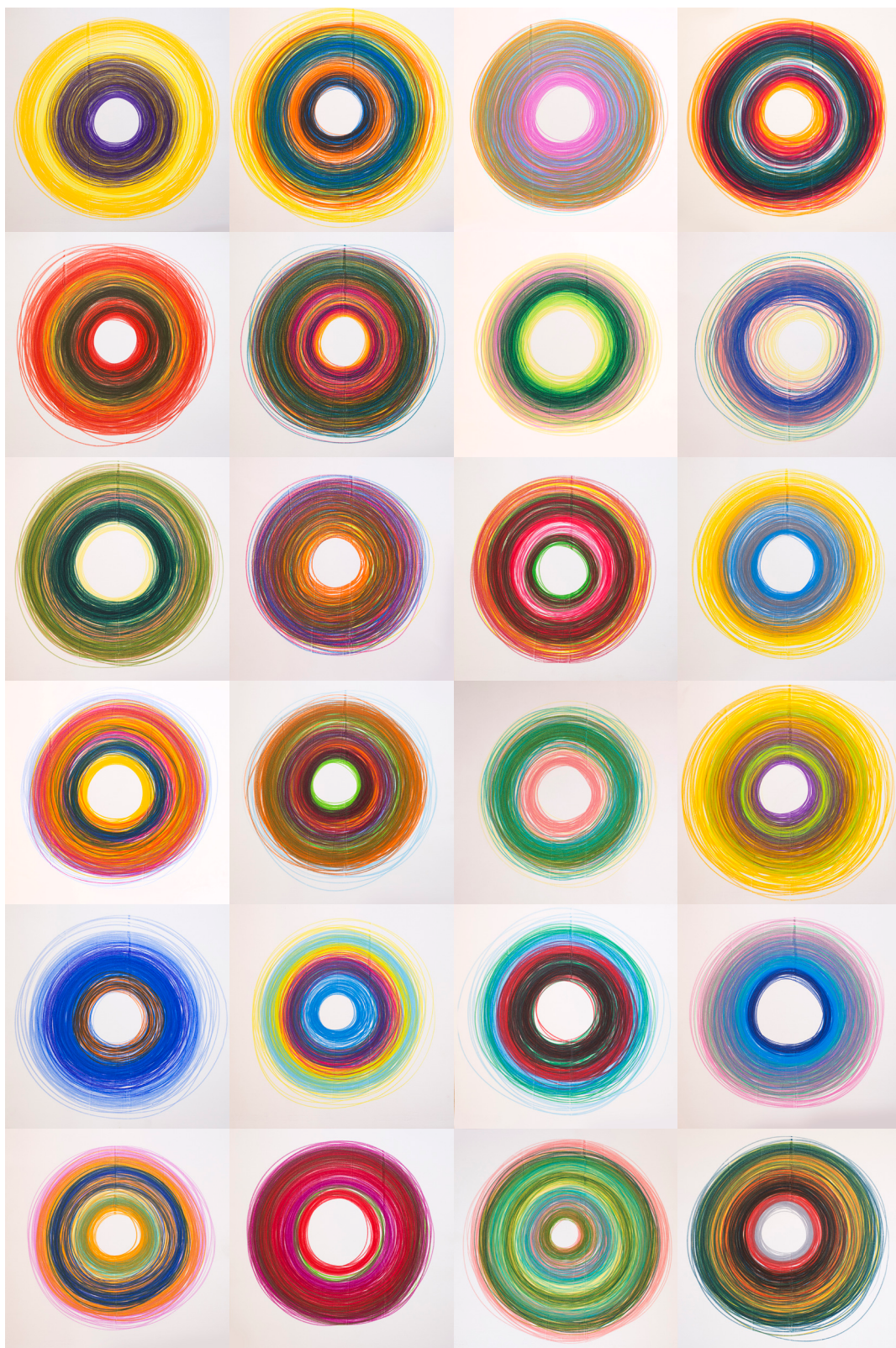
ENQUADRAMENTO

Em Maio de 2017, a Casa da Imagem, em Vila Nova de Gaia, mostrou uma Exposição da Natacha Antão, em que ela dava a ver desenhos de círculos coloridos. Dito assim pode parecer que tais desenhos foram propositadamente realizados com a finalidade de serem expostos, ou seja que faziam por certo parte duma estratégia ou pelo menos dum caminho pessoal da artista, e que, portanto, não deixando obviamente de valer por si próprios valiam também ou até sobretudo pelo lugar que ocupavam nessa estratégia ou nesse caminho. Como não era disso que se tratava, na verdade a ideia de desenhar círculos coloridos apareceu como forma pensada exclusivamente para ajudar ao re-centramento pessoal da artista depois de um período exasperantemente longo e exaustivo de descentramento a que se sentiu obrigada pelas circunstâncias, sentiu de imediato que expor os círculos desenhados do modo habitual e neutro não permitiria o encontro nem com a verdade deles nem com a dela. A Solução para o problema parecia estar em retirar à Exposição o seu carácter diacrónico (o seu lugar num tempo evolutivo) e assentá-lo numa base sincrónica (a sua pertença a um momento actual) irreduzível a qualquer pretensão de a localizar num tempo comandado pelos antes e depois. Era trocar o pro-cesso, cultura dominante senão mesmo prepotente da arte actual, pelo con-texto, um agora expandido até aos limites do horizonte, o que neste caso poderia perfeitamente ser o con-vívio, uma vez que foram outras pessoas o principal

contexto do acontecimento. Como esta ideia de re-centramento foi realizada em atelier colectivo e não em gabinete pessoal, e como o atelier era poroso e portanto o que nele se passava se estendia por todo o lado e de novo a ele voltava, o contexto tornava-se ilimitável mas felizmente poderosamente presente, e presente dum modo em que não surgia apenas como o pano de fundo do acontecimento mas como, dalgum modo, parte integrante dele. Digamos que o acontecimento posto em marcha pela necessidade de recentramento, da artista que queria voltar a ser artista, foi tomando todos e cada um dos convivas, que foram encontrando afinidades entre o que faziam e o que ela fazia, e sentindo, apesar de não terem passado pelas mesmas coisas, uma igual necessidade de recentramento, como se tudo andasse por todo o lado e neles igualmente demasiado descentrado. Ou podia ser que fosse ela, a artista, que fosse encontrando no que via acontecer à sua volta, nomeadamente no que faziam as pessoas do seu contexto, reflexos do que nela própria se passava, modos de estar e de fazer que coincidiam, por assim dizer, com o que ela própria tentava e fazia. Como quer que fosse tornava-se-lhe cada vez mais óbvio que os seus círculos coloridos por si só não tinham o poder de se dar a ver, que sem as “farfalhudas” da Mónica, o toque gráfico da Joana, o jogo das perspectivas do João, a banda sonora do Manuel, os pensamentos soltos do Vítor, para não mencionar senão estes, sem esquecer, claro, as pinturas das crianças nas paredes ou um

pouco por todo o lado, sem pelo menos isto como um mínimo indispensável, mas a que seria sempre possível os observadores juntarem elementos em falta quer porque os conheciam quer porque os pressentiam, sem isto aos seus círculos iriam necessariamente faltar numerosas cores, seriam círculos coloridos envergonhados. Percebe-se pois que a decisão de fazer da Exposição da Natacha Antão a Exposição do Círculo da Natacha Antão com cinco outros nomes anunciados (e vários mais escondidos) não é um capricho de adolescente, não é um resíduo de idealismo universalista, não é uma tentativa vanguardista de criar um movimento, não é a criação duma harmonia polifónica à maneira musical, nem sequer é a interrogação prática da noção de autor, tudo coisas, entre outras que nela se poderia ver, é muito exacta e precisamente a Exposição de desenho da Natacha Antão, autor plural, na época do seu recentramento. O que aqui, nesta decisão, é forte, é a consciência de que o que se quer dar a ver não é exclusivamente da ordem do artístico mas também do vital, do existencial, e que se isto não for compreendido o artístico presente sai empobrecido, senão mesmo arruinado. Mas é preciso, por isso, um olhar diferente para ver tal Exposição porque não se está a ver a arte da artista tal como ela a foi fazendo e continuará por certo a fazer ao longo da sua vida, mas um momento em que essa arte teve de ser outra coisa mais ou outra coisa menos, teve de voltar ao seu cerne, à sua matriz, ao seu centro sem querer mais do que isso, agarrando-se a esse centro sem qualquer outra ambição senão a de reconhecer, de o reencontrar, de o reintegrar. E é o desenho, no sentido mais amplo da palavra, o desenho desse momento em toda a sua extensão que em muito ultrapassa a mesa de trabalho da

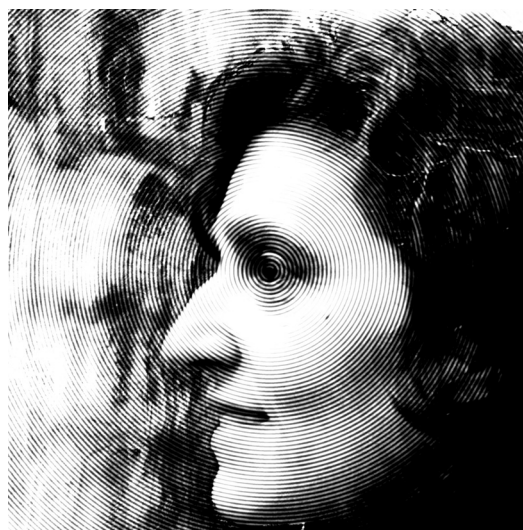
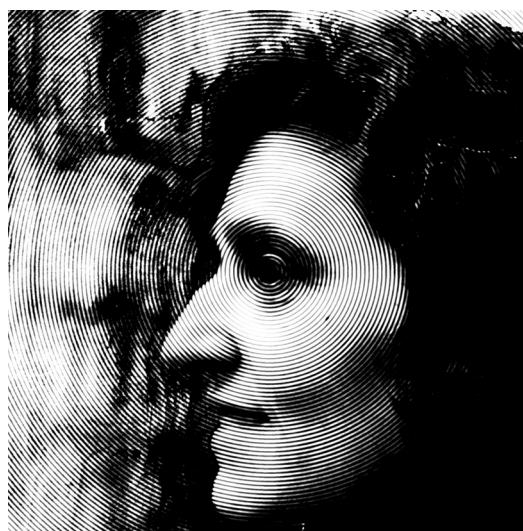
artista, é esse desenho que a Exposição dá a ver. É esta prevalência do sincrónico sobre o diacrónico que torna esta Exposição singular, isto é incomparável, irrepetível, precisamente como depositária e parte viva dum momento irradiante, um momento que é ele próprio fonte de luz e não receptor de luz. É esta sincronicidade que torna cada um dos objectos e procedimentos nela presentes igualmente importantes e imprescindíveis para o desenho do momento, sem os quais tal momento não seria susceptível de ser desenhado. Sem eles e sem o que eles sugerem e indicam para lá deles próprios. E como todos os momentos que são acontecimentos que nascem de si próprios, irreduzíveis a qualquer tipo de apropriação, também este foge aos seus autores que sentem por isso que não podem trata-lo como seus donos. E se ainda assim é possível dizer que se trata de desenho, é porque o acontecimento se serviu para poder acontecer do que há de mais humano nos humanos, o desejo e a capacidade de se verem acontecer numa forma que simultaneamente criam e os cria a eles. Uma forma sem forma precisa, uma forma que é também o seu fundo, uma forma que vive duma e numa consistência que dalgum modo também ajudou a ser o que é. Então o que a Casa da Imagem tinha para mostrar nessa Exposição de Maio de 2017 podia finalmente ser reconsiderado como o desenho do acontecimento que a Natacha Antão desencadeou no seu processo de renascimento, onde os seus próprios e assináveis desenhos, de círculos coloridos, como todos os outros objectos aí postos (mais do que expostos), pareciam continuar a acontecer ainda naquele momento, continuar a acontecer para a eternidade.



FIGS. 1 a 24 *Círculos* 24 desenhos (40 x 40 cm). Lápis de cor sobre papel fabriano artístico.



FIGS. 25 a 33 *Farfalhudas* 9 peças escultóricas. Linha tricotada em círculo sobre papel, dimensões variáveis.



FIGS. 34 a 36 *Gráfica*
Litos de edição ilimitada
Serigrafia e fotocópia sobre papel
20 x 20 cm

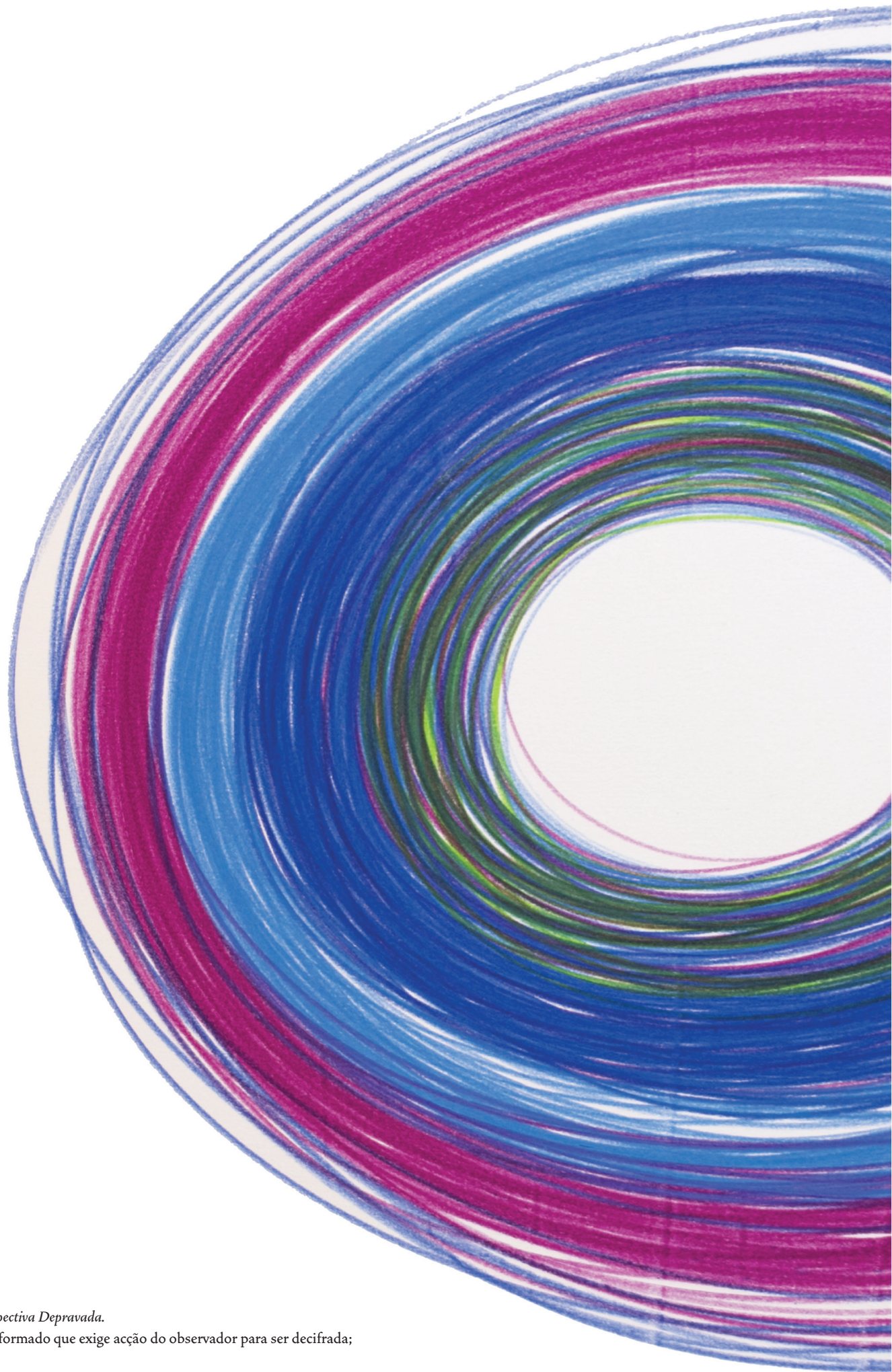


FIG. 37 *Perspectiva Depravada*.
Desenho deformado que exige acção do observador para ser decifrada;

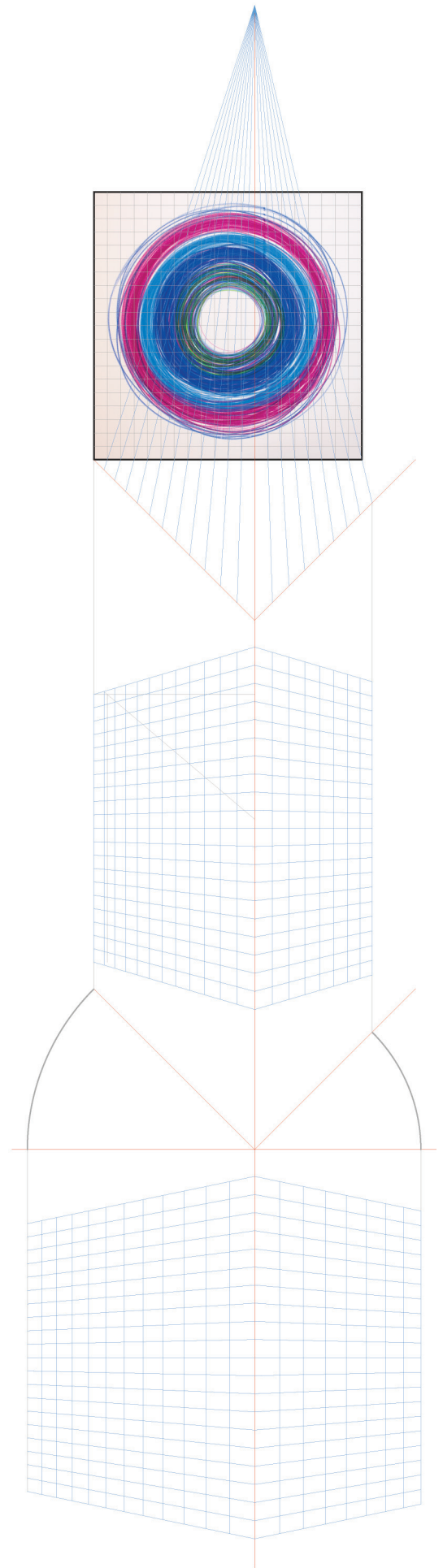
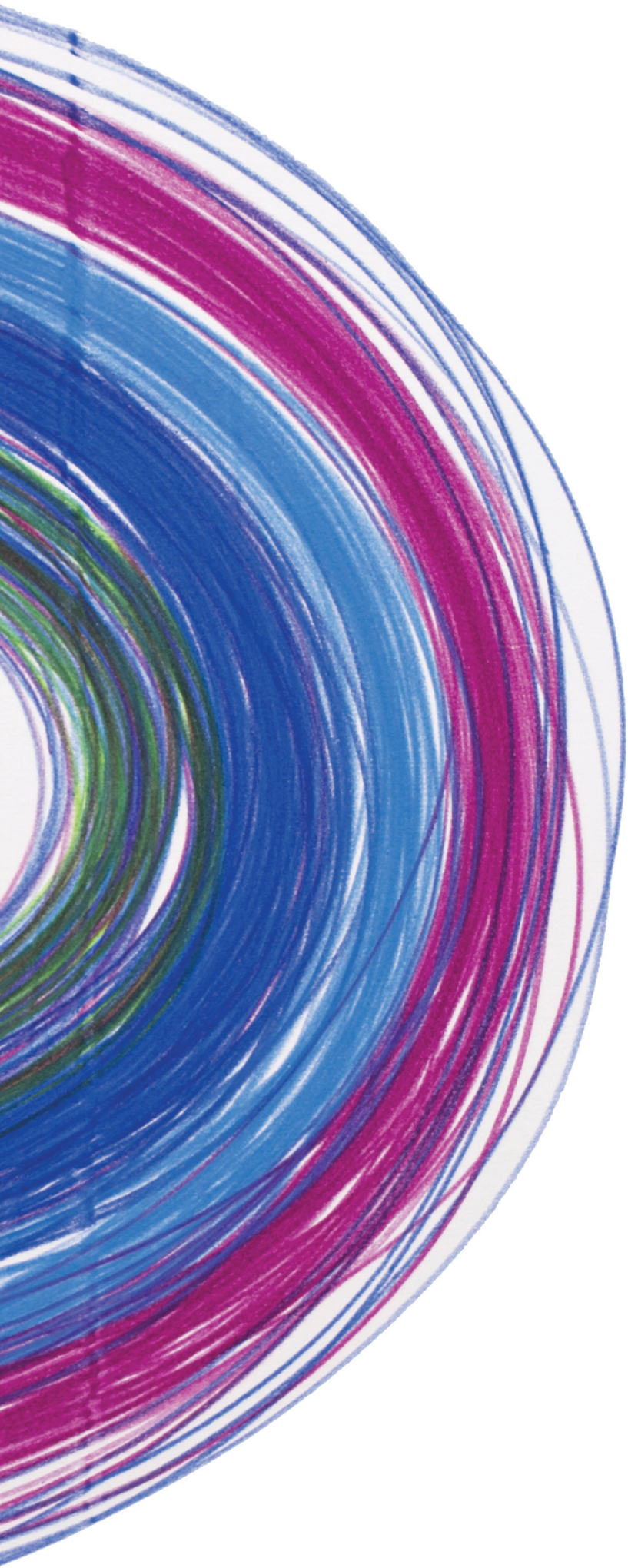


FIG. 38 Sons <https://fugasdeambulacoes.bandcamp.com/releases> - morada electrónica onde poderá sem escutado um desenho;

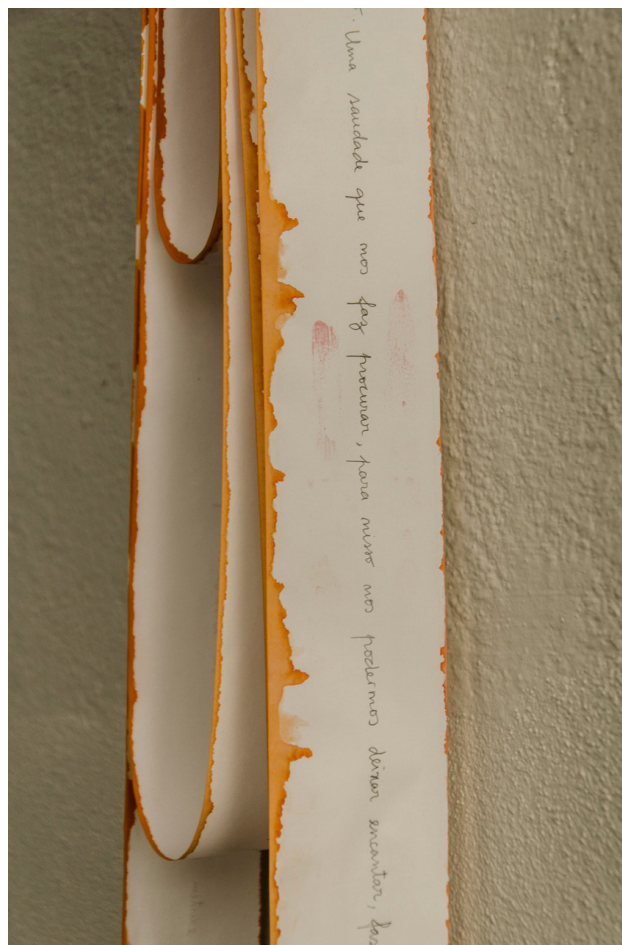
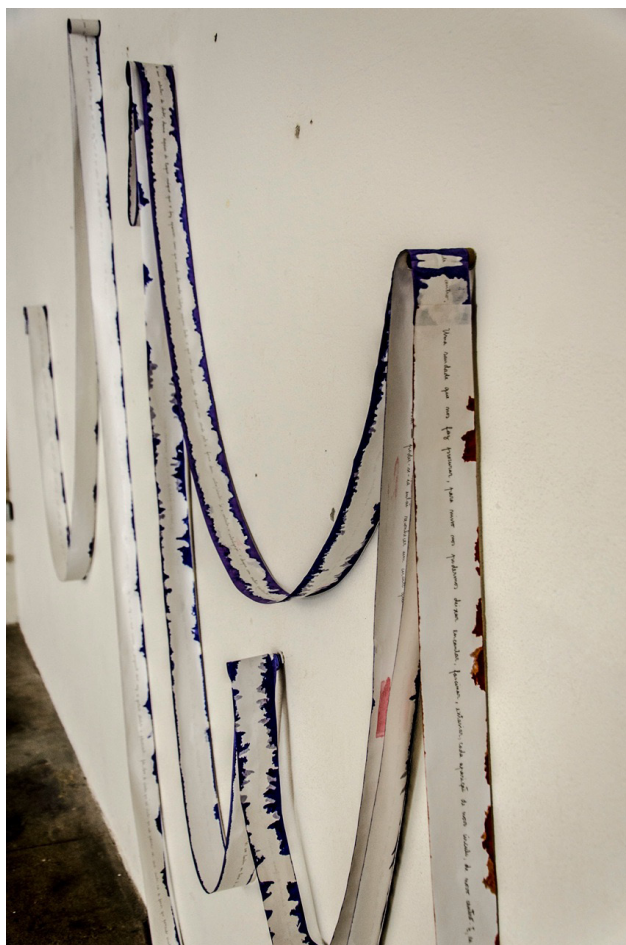


FIG. 39 *Pensamentos Soltos*

Créditos fotográficos: Casa da Imagem/ Fundação Manuel Leão

Pensamentos soltos

(Texto que foi utilizado como desenho na exposição)

que, porém, se queremos realmente avançar, desta vez temos de ter a coragem de olhar a questão de frente procurando verdadeiramente respostas à pergunta que temos tentado evitar: o centro existe? existe o círculo? existem, com certeza, os gestos que os enunciam. Os gestos pelos quais os aprendemos... sim, talvez o círculo não exista senão como gesto, como o gesto que aponta para si próprio, que se designa a si próprio. Um gesto que se mostra como gesto e não como sinal ou indicação. Um movimento que parece não o ser, incapaz de sair de si próprio, compulsivamente regressando ao seu ponto de partida. Parece um caminho, mas como o boomerang, só conhece o caminho de retorno. Um caminho que apenas leva a si próprio. Um gesto que não conhece senão o regresso ao ponto de partida. Um gesto que não faz mais do que voltar ao ponto de partida para que

se perceba que não tem nada a dizer. Parece sair do sítio mas não sai do sítio. Parece querer dizer algo mas não diz nada. Diz talvez apenas que é gesto, como uma voz que dissesse apenas que é voz, “sou voz”, e nesse mínimo de surgimento como voz que gastasse absoluta e plenamente... falo, claro, de círculos que são círculos, que não poderiam ser senão círculos, não de formas que parecendo círculos poderiam no entanto ser qualquer outra coisa, quadrados, triângulos, ou qualquer forma de encerramento de espaço. Uma forma que existe para encerrar espaço pode tomar uma forma qualquer, e pode por isso tomar uma forma que lembra um círculo. Mas um círculo não é uma forma de encerramento de espaço, porque para um círculo existir precisa de criar um centro. Um círculo existe para criar um centro, não para encerrar espaço. Um círculo existe para possibilitar a um centro existir, ou talvez seja antes que o círculo e o centro não são senão uma única e mesma coisa — poder-se-ia então reconhecer um círculo que é um círculo pelo facto de ele se não distinguir do seu centro. Nenhum espaço fica encerrado entre o círculo e o seu centro, todo o círculo é o seu centro... Um sinal de trânsito de forma circular não é um círculo porque para dar a ver o sinal fez o centro possível abortar. Uma pedra que cai na água parada de um lago cria um círculo porque cria um centro que se expande ilimitadamente e se confunde com o próprio círculo. A pedra que cai num lago é um gesto que se dá a ver a si próprio, porque não há aí mais nada a ver além disso: um centro que se confunde com o seu círculo, um círculo que não é senão um modo do seu centro se mostrar. Por isso também o tronco de uma árvore é um círculo, por pouco que pareça um círculo perfeito, porque percebemos de imediato que ela nos mostra um centro que precisou, para existir, de criar o seu próprio círculo. Digo assim por facilidade — é talvez impossível decidir se é o centro que cria o seu círculo ou o círculo que cria o seu centro de tal modo eles parecem inseparáveis. Num simples desenho de um círculo não é absolutamente necessário que o centro tenha sido criado pela desenhadora no próprio momento em que começou o seu traço?... Um centro, um círculo, são criações, porque aparecem a partir do nada. São também gestos por isso mesmo. Não são funções de coisa nenhuma, não existem em função de qualquer coisa que lhes seja exterior. Duma semente real ou fictícia, humana ou divina, mental ou material, terrena ou cósmica, desenvolve-se, pelo menos num primeiro e imprescindível momento um centro com o seu círculo, um círculo para o seu centro. É só outra forma de dizer que aparecem a partir do nada. Essa semente cria a ilusão de que algo prévio existe, a pedra que cai no lago, por exemplo, mas na verdade qualquer coisa, o que quer que seja, pode fazer o papel da semente, porque esse papel se reduz ao impulso inicial, ou menos ainda, porque o círculo é o gesto, o movimento, que não precisa senão de um estalar de dedo, duma espécie de toque mágico que o faz aparecer como que vindo do nada. Talvez mesmo tudo o que vem do nada possa não possa vir senão sob a forma dum centro/círculo. Só o contacto, a interligação, o choque com outros existentes o vá mudando, e afastando-o cada vez mais do seu ser de círculo. E será por isso que sentimos em cada existente uma poderosa e insistente saudade do círculo, saudade do centro. Uma saudade que nos faz procurar, para isso nos podermos deixar encantar, fascinar, extasiar, cada aparição de novo círculo, de novo centro. E, se andarmos mesmo carentes, podemos até decidir dedicarmo-nos a ser pedra que cai no lago, a atirar a pedra ao lago, a dar o empurrãozinho à pedra ainda indecisa em cair no lago. Nada parece na verdade tão revigorante como ver nascer um círculo com o seu centro, mesmo sabendo que rapidamente deformação o vai atingir, ou pelo menos que esse é o seu destino mais provável. Mas esse momento inicial é dum poder tal que não há nada melhor do que deixar-se envolver pela sua magia para recuperar dum grande desgaste, dum esforço esgotante, duma realização feita a contragosto. O centro que nasce, que vemos nascer, que

fazemos nascer, pode bem ajudar-nos a sentir um recomeço, um ressurgir de que absolutamente precisávamos, um movimento que só poderemos descrever como um regressar aí ao nosso próprio centro. Algo a que nos referimos frequentemente como recentrarmo-nos. Nada melhor para nos recentrarmos que sentir essa força que vem do nada, e que não é senão uma força e que vem do nada, que nem precisa de nos pertencer de qualquer modo que fosse, porque por mais estranha que nos seja é plenamente habitada pela força que faz aparecer todo e qualquer círculo, centro, uma força que imediatamente identificamos, que sentimos que é de tal modo igual à do nosso perdido centro que podemos fazer dela a força desaparecida desse nosso centro. Nesse início, nesse ponto inicial e saída do nada, de desfazer esse vazio que se foi instalando em nós, todas as forças são uma só, uma força que serve a um centro serve a qualquer outro — esse é, provavelmente, o único momento, o único estado em que nenhuma especificidade, nenhuma identidade, nenhuma particularidade vem perturbar a força dessa força. Uma força que serve a qualquer outro centro, serve ao nosso... Adultos, humanos, pelo menos nesta cultura nossa, ocidental e tudo, temos imensa dificuldade em acreditar nisto. Parece que só temos confiança em coisas altamente elaboradas, processos complexos, objecto objectivados, pensamentos labirínticos. Que terapeuta seria capaz de prescrever à sua paciente “faça círculos coloridos”, ou “tricote farfalhudas”, com a plena consciência de que nada poderia verdadeiramente substituir tal tratamento? Ou “faça e desfaça sempre a mesma mancha”, “discorra enrolando o seu dizer num novelo sem fim”, “faça os seus sons regressarem sempre ao ponto de partida”, sabendo transmitir toda a confiança que seria preciso para que o exercício, a experiência tivesse efeito? Ou até, algo que aparentemente, apenas aparentemente, poderia parecer mais sofisticado, “crie imagens à primeira vista indecifráveis, possíveis no entanto de serem decifradas, mas apenas pelo espírito de uma criança, ou por um espírito igual ao de uma criança”, mostrando através desta recomendação, que sabe que é preciso aprender com as crianças algo que para elas é natural, imediato, sem segredos, e que se tornou no entanto, para qualquer um dos nossos adultos de hoje, uma dificuldade quase intransponível: que por mais que algo nos pareça confuso, disforme, inapreensível, definitivamente fora do alcance da nossa compreensão, basta no entanto acreditar que há um ponto de vista escondido, um centro descentrado, e procurá-lo, para que, com a sua descoberta, que infalivelmente sempre ocorrerá se houver tal busca, tudo se torne instantaneamente claro e evidente, tão claro e evidente como um círculo com o seu centro, um centro com o seu círculo... Na verdade só as crianças têm, entre nós, esta crença, que poderíamos até chamar instintiva, nos círculos coloridos, nas farfalhudas nas manchas, nas falas enroladas em si próprias, nos sons que não saem do sítio, nas imagens que parecem indecifráveis e nos incitam, por isso mesmo, a descobrir-lhes o bem escondido segredo. A nenhuma criança escapa que tudo tem um centro, eventualmente escondido, e que é esta lei do universo que torna o mundo num lugar perfeitamente adequado à vida que cada um de nós quer viver... muito trabalho e muito esforço têm de desenvolver os adultos desta civilização deformada, ainda por cima vaidosa desta sua deformação, para extrair tal crença “desestabilizadora” da cabeça das suas crianças. E é por isso que aquele de nós que conseguem aos trinta anos, ou aos quarenta, aos cinquenta, aos sessenta, aos setenta, voltar a sentir esta crença, quebrar o feitiço desta educação deformadora, sentem uma jovialidade indescritível, inesperadamente intensa, como se ver nascer os círculos que fazem, ver desenvolver os centros que criam, ver abrir e fechar as manchas que inscrevem, fosse simultaneamente ver-se a si próprio a nascer (...ia escrever renascer mas fiquei com dúvidas sobre o que faz aqui este “re”...), com um novo olhar, com um novo sentir, e com essa

sensação, que precisamos de experimentar de vez em quando, de que estamos de novo centrados, de que podemos de novo ser nós próprios porque o que quer que sejamos de novo se nos torna claro e evidente... Os círculos têm pois esta qualidade espantosa que permite aos que neles crêem, e portanto aos que os vêem e aos que os fazem com as cores exaltantes que são capazes de lhes transmitir, uma vez que

NOTA BIOGRÁFICA

Joana Paradinha

Formada em Pintura pela FBAUP em 1997. É Professora Auxiliar de desenho, pintura e técnicas de impressão na ESAG e na EAUM. Investigadora no i2ADS - Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Coordena e promove no seu Atelier/Oficina experiências de colaboração artística e pedagógica.

joanaparadinha.wordpress.com

João Cabeleira

Formado em Arquitetura pela FAUP (2002) é Professor Auxiliar na EAUM, de Geometria e História da Arquitetura II. Os seus interesses incidem na tratadística arquitetónica e perspética, particularmente na representação moderna do espaço, no enalce da investigação de doutoramento “Arquitecturas Imaginárias: Espaço real e ilusório no Barroco português” (2015).

Manuel dos Reis

Frequentou a Licenciatura em Produção e Tecnologia da Música, na ESMAE – IPP, entre 2003 e 2008. Em 2009 cria o estúdio MTLC Arte Produções Artísticas, Lda. que desenvolve projetos de Fotografia, Desenho, Pintura, Escultura, Gravação de som, Sonoplastia (<http://www.mtlcartes.com>). Colabora como Freelancer, em trabalhos de Gravação, Mistura, Masterização e Técnico de Som ao Vivo, com vários artistas.

Mónica Faria

Formada em Escultura pela FBAUP em 2005, prossegue a sua prática e os seus estudos questionando o papel da educação nas artes, nas escolas e em comunidade. Desde 2016, é Artista Educadora em contexto de Atelier na OSMOPE e investigadora no Lab2Pt e no GEPI. É artista residente na Casa da Imagem “a.riscar no giro descolonial / Resistência Artística”.

amonicafaria.wixsite.com/obra


Natacha Antão

Formada em Pintura pela FBAUP em 2000. É docente na EAUM e Investigadora no Lab2Pt. Co-organiza o espaço/galeria Estúdio UM (www.estudium.org), desde 2008. Desenvolve a sua prática artística na Oficina da Joana Paradinha, em desenho, pintura e impressão, girando pelo fenómeno cor e pela percepção cromática.

natachaantao.wordpress.com

Vitor Martins

Formado em Filosofia pela FLUP, em 1975. Trabalhou como Professor de História e Teoria da Comunicação, Teoria da Arte, História e Teoria do Cinema na FBAUP, entre 1977 e 2014. Finalmente aposentado!



PSIAX é uma publicação, não periódica, coordenada pelos docentes de desenho dos cursos de Arquitectura e de Belas-Artes das Universidades do Porto e do Minho, do Instituto de Investigação em Artes, Design e Sociedade, podendo ter como colaboradores autores de outras proveniências institucionais, profissionais, nacionais e internacionais.

Porquê PSIAX? PSIAX é o nome de um dos pintores de vasos gregos que terão introduzido a grande mudança do desenho com a técnica das figuras vermelhas, no início do século V a.C.. Este é um dos mais notáveis aspectos da arte do desenho e da sua adaptação a uma necessidade tecnológica, empresarial, ritual e social, num dos períodos mais relevantes da cultura grega.

Se nos servirmos de uma analogia com a vida de Psiax, na Grécia Clássica, e vivêssemos num período de figuras pretas, como se nos colocaria o quadro de inovação na representação da imagem nos artefactos que utilizamos predominantemente ou que poderão vir a ser utilizados? Ao ser produzidos por meios digitais ou manuais, o que se inova e se constrói, como é que se acede a essas imagens? O que é que as caracteriza e como é que a representação ganha aspectos inovadores ou qualificadores da experiência artística?

A orientação editorial pretende promover e divulgar estudos sobre o papel que o desenho poderá desempenhar no nosso tempo, quer ele se concretize como processo de compreensão do mundo, quer como meio de aprendizagem e ensino, ou como elemento caracterizador dos objetos artísticos já existentes ou a criar.

Pretendemos dar a conhecer estudos sobre o desenho como imagem considerando que o desenho como arte plástica, manual ou digital, além de se constituir por um conjunto de elementos típicos e próprios da sua específica condição material é, acima de tudo, uma imagem que ocupa lugares no universo infinito de outras imagens materiais, foto-químicas e electrónicas que hoje nos envolvem.

Importa ligar o passado do desenho, os autores, as modalidades, os temas, as tendências, as escolas, com as urgências e o sentido de progresso e de ideologia, com as hipóteses que se levantam, com as necessidades que vão da sobrevivência ao sonho, recuperando a memória longínqua do desenho e conduzindo-a para uma actualidade em que se exigem novos entendimentos de uma arte básica do ser-se humano.

Interessa a publicação de estudos monográficos, analíticos, doutrinários, programáticos, metodológicos e históricos desde que se estabeleça, em qualquer dos âmbitos, uma relação entre o passado e o presente. Isto é, interessa colocar as diversas perspectivas em debate, em sintonia, em confronto, em paralelo, em analogia com os problemas, os esforços, as realidades, as obras e as teorias do nosso tempo, quer no domínio da pedagogia, da teoria e prática do desenho e da expressão artística.